

## Seminário de História Religiosa Moderna

4ª Sessão – 21 de Junho de 2011 – 17.00h

1. **Comunicação:** - **O texto hagiográfico (séculos XV-XVI)** por Cristina Sobral – Universidade de Lisboa.
2. **Presenças:** 19
3. **Introdução:** José Pedro Paiva saudou os presentes e endereçou palavras de acolhimento à convidada da tarde a Prof. Doutora Cristina Sobral. Enquadrou a temática programada para esse dia – o texto hagiográfico. Relevou a importância metodológica do estudo proposto, considerando-o incontornável para o estudo histórico da santidade. Desde o período medieval muito texto dessa natureza se fixou. A leitura, o estudo crítico e a interpretação tem exigido do estudioso redobradas cautelas perante as muitas e desconformes versões que sobre pessoas se produziram como modelos de santidade. A medievalidade iniciou esse género de produção de texto; a modernidade muito produziu, difundiu e acolheu com naturalidade. O período do barroco, fascinado pelo religioso, consumiu texto hagiográfico numa escala até então inusual. O *Agiólogo Lusitano*, como repositório de largas dezenas de vidas devotas e santas, marcou sobremaneira um vasto público que por esse género de literatura se interessava. Reconheceu Pedro Paiva que muitos desses textos colocam reptos a quem os queira estudar e interpretar. Referiu a génese e os modelos que teriam servido para a confecção do texto hagiográfico. Problemática sobre essa matéria colocava para quem em tarde de seminário mais queria saber e compreender. Excepcionalmente, fez referência a alguma produção historiográfica que a palestrante do dia já publicara.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicado no *site* habitual.
5. **Intervenções livres:** Após a comunicação pediram a palavra para levantar questões e estimular o debate José Pedro Paiva, António Ribeiro, Paula Nestola, Matilde Santos, Daniel Giebls e Lurdes Rosa. Várias questões se colocaram a partir da informação, sensibilidade e conhecimento historiográfico existente entre os participantes dessa tarde. Procurou saber-se se houve alguma alteração da estrutura discursiva hagiográfica na passagem do período medieval para o moderno. Sobre a produção do texto hagiográfico foi referido o alargamento dessa actividade, já no século XV, a pessoas que pouco tinham a ver com as instituições tradicionais da área eclesiástica, indagando-se se a criação da Congregação dos Ritos não poderia ser interpretada como reacção da Igreja para fazer retornar ao seu controlo o discurso hagiográfico. A construção dum texto historiográfico, ao visar uma pessoa santa, incidia habitualmente na narrativa sobre a infância, a vida adulta, a morte e o culto após a morte. Levantou-se novamente a questão sobre o enquadramento de inexplicáveis alterações psíquicas atribuídas a figuras com fama de santidade; até que ponto algumas dimensões desse foro – melancolia, tristeza, etc. – poderiam comportar elementos a valorizar como expressões de santidade. De seguida emergiu a questão da territorialização da santidade. A geografia da santidade tradicional apontava para zonas onde esses fenómenos pareciam encontrar o seu espaço mais apropriado. Em tese foi referido, e com consenso razoável, que a convocação e a construção dum itinerário de santidade não têm confinamentos; inscreve-se num espaço abrangente e universal. Essa realidade aparentemente teórica, teve expressão na produção de muitos textos do período moderno que deixaram de circular apenas nos espaços dos regulares, em mosteiros e conventos, e passaram a ser referências de muita população secular devota que o manuseou e dele tirou proveito para empreender vida exemplar no seguimento de modelos que por santos se tinham. É certo que neste período, outros subsídios

apareceram que muito ajudaram a interiorizar valores de santidade; desses é legítimo referir a profusão da iconografia e até crónicas que, em incisos breves, faziam referências a pessoas que tinham atingido heroicidade na virtude. Entre alguns casos de santidade, e sobre os quais certa produção hagiográfica se fez, foi referida a pessoa de Nuno Alves Pereira. Perguntou-se da forma como foi gerida a santidade dessa figura histórica, quer pela Casa de Bragança, quer pelos carmelitas de cuja ordem se fizera membro. Tudo leva a crer, e nisso pareceu haver consenso, que inicialmente a Casa de Bragança apenas vira em Nuno Alves Pereira um guerreiro, um notável condestável num período delicado da história de Portugal; lentamente, ao dar-se conta de uma expressão de culto que a ordem dos carmelitas promovia nos espaços da sua inserção, não restou à coroa outra alternativa que capitalizar esse potencial de valores e apontá-los como modelo para quem à pátria e á religião se entregava.